

# **A importância da formação e do desempenho profissional dos psicólogos frente ao desenvolvimento e avaliação da intervenção vocacional.**

Rivaldo Sávio de Jesus Lima  
Universidade Federal de Sergipe

*Resumo: O presente artigo visa refletir acerca da problemática da aprendizagem e do desempenho dos profissionais de Psicologia. Para tanto, busca rever criticamente os sistemas de formação acadêmica e profissional dos psicólogos, salientando os modelos teóricos, práticos, e investigativos que sustentam as suas aprendizagens. Neste contexto, a importância do treino de competências, ao nível do desenvolvimento e da avaliação de programas de intervenção vocacional, é analisada e discutida, com especial enfoque nas intervenções da gestão pessoal da vida e da carreira. Por fim, são ainda discutidas estratégias de (auto)-avaliação destes profissionais que possibilitam uma monitorização constante do desempenho na sua atuação profissional.*

*Palavras-chave: Orientação Vocacional, Intervenção vocacional, Formação do psicólogo.*

*Résumé: Cet article prétend réfléchir à la problématique d'apprentissage et de performance des professionnels en Psychologie. Pour ce faire, il revoit critiqueusement les systèmes de formation académique et professionnelle des psychologues, en mettant en relief les modèles théoriques, pratiques et investigateurs qui tiennent leurs apprentissages. Dans ce contexte, l'importance de l'entraînement de compétences, au niveau du développement et de l'évaluation des programmes d'intervention vocationnelle, est analysée et discutée, avec une approche spéciale des interventions de la gestion personnelle de la vie et de la carrière professionnelle. Enfin, des stratégies sont encore abordées par rapport à l' (auto-) évaluation de ces professionnels qui permettront une monitorisation fréquente de leur performance dans l'exercice professionnel.*

*Mots-clés: Intervention vocationnelle, orientation vocationnelle, formation des psychologues*

## **Introdução**

Na atualidade observa-se que o sucesso na profissão está diretamente relacionado às habilidades pessoais do indivíduo. Diante desse fato, a Psicologia Vocacional busca entender como tais habilidades são aplicadas na área de trabalho escolhido pelo indivíduo. Ao mesmo tempo, também se questiona como este indivíduo (com suas habilidades em transformação) se posiciona frente às dificuldades encontradas na carreira profissional. Nesse tocante, partindo do fenômeno da globalização que vem sendo amplificado a cada dia através de todos os avanços das inovações tecnológicas e as suas inevitáveis transformações nos meios de comunicação em massa e da macroeconomia, nota-se que este processo tem estimulado o surgimento (e também o desaparecimento) de profissões potencializando, desse modo, a instabilidade na carreira (PEREIRA, 2008). Entretanto, ainda segundo a autora, este processo histórico gerou:

uma oportunidade de fortalecimento e expansão para a área de aconselhamento vocacional, criando a possibilidade de estudantes e profissionais de Psicologia e áreas afins compreender e ampliar seus conhecimentos sobre o papel da Psicologia Vocacional, visando o aperfeiçoamento das capacidades do profissional que realiza aconselhamento vocacional e intervenções de carreira.

Analisando esse processo dentro de uma perspectiva histórica, Edwin Herr (2008) nos apresenta uma ampla visão do aconselhamento vocacional desde o final do século XIX. Aponta que o nascimento da Psicologia Vocacional como disciplina se dá em 1909, quando do desenvolvimento de diversas

teorias e da expansão das suas técnicas. Aponta ainda, que o princípio da orientação de carreira voltava-se especificamente para jovens e adolescentes, delimitando (quantificando e posteriormente avaliando) seu campo de ação, buscando com isto orientá-los na sua futura profissão. Em seguida, nos remete aos avanços tecnológicos e a Internet do final do século XX fazendo uma ponte para a globalização da economia no século XXI. Tal perspectiva macro, segundo o autor, estimula o aperfeiçoamento constante da qualidade e a ampliação das intervenções de carreira, observando às constantes mudanças exigidas por um globalizado mercado de trabalho. Nesse tocante, Leitão e Paixão (2008) enfocam especialmente a atuação da mulher no mercado de trabalho e o impacto sociocultural de seus inúmeros papéis de mãe, esposa e trabalhadora.

Assim sendo, Moreno (2008) aponta que o foco da orientação vocacional passa a ter uma concepção de caráter educativo deixando de ser uma atividade secundária diante do sistema escolar, objetivando dessa forma a preparação do estudante para um melhor entendimento sobre o que é trabalhar e aprender. A autora expõe ainda, as estratégias e metodologias necessárias para a implantação de uma educação vocacional no currículo escolar sem, contudo, misturar os papéis do psicólogo e do professor. Diante desse processo podemos empreender que a formação desse profissional da orientação vocacional também mudou. Partindo dessa lógica, Leitão e Paixão (2008) analisam o papel do conselheiro para a percepção do contexto do jovem e do adulto, dentro de seus desafios profissionais e limitações pessoais. Também ressaltam a necessidade do conselheiro vocacional identificar e direcionar os momentos significativos da dinâmica relação entre identidade pessoal x identidade profissional e principalmente, na fase adulta, onde o indivíduo sofre com as interferências na carreira, inclusive na chegada da sua aposentadoria. Em suma, acreditamos que a consulta psicológica vocacional deveria ser utilizada como instrumento de orientação profissional, associando para tanto, qualidades diversas para o desempenho de outros papéis, desenvolvendo nesse processo segurança e bem-estar ao cliente.

No entanto, questiona-se a formação desse psicólogo frente a sua atuação de conselheiro vocacional. Tal formação em Psicologia é de fato voltada para esta área? Nesse tocante, Lima (2010) citando Fávero (2002), analisa a formação universitária em geral e, em especial, o período de estágio. Mostra sobre este aspecto que existe um imenso hiato entre os primeiros anos de formação (teórica) e o estágio (prática), dificultando para o aluno (de Psicologia) uma reflexão a cerca da sua formação (e vocação) profissional.

Outro aspecto relevante, diz respeito ao papel da avaliação psicológica nos aconselhamentos e intervenções de carreira. Ressalta Duarte (2008), o rigor da preparação ao nível da fundamentação teórica e da ética profissional, destacando a necessidade do profissional conhecer e usar corretamente instrumentos que sustentam a sua prática. Aponta ainda, as diversas categorias de testes, especificando como devem ser utilizados no aconselhamento de carreira. Por fim, afirma que o objetivo da orientação psicológica vocacional não é apenas o auxílio ao desenvolvimento profissional, mas principalmente o autoconhecimento e a satisfação pessoal, o que resulta em melhor qualidade de vida.

Por fim, buscaremos explorar nesse artigo, o entendimento sobre o sistema de formação do psicólogo vocacional. Também desenvolveremos análise acerca do aconselhamento e da intervenção na carreira, visando objetiva contribuição para a reflexão e mudanças no campo da Psicologia Vocacional, já que na língua portuguesa há escassez de literatura na área. Buscaremos também tornar

compreensíveis as estratégias de (auto)-avaliação dos profissionais, e a monitorização constante do desempenho na sua atuação profissional.

## **7. A importância da formação do psicólogo vocacional.**

Tal como apontam Blustein & Spengler (1995); Krumboltz (1993); Niles & Pate, (1989) e Tolsma (1993), o psicólogo como profissional que busca entender o comportamento humano deve ser capaz de reconhecer e compreender, independentemente da sua especialidade, interesses ou preferências pessoais. Também deve buscar compreender as interações entre o domínio vocacional e não vocacional da vida dos seus clientes buscando fazer um esforço no sentido de ampliar os seus conhecimentos e competências específicas de acordo com a complexidade de cada cliente. Também o psicólogo deve, durante da sua formação reflexionar e questionar os valores, técnicas e práticas que lhe são incutidos no currículo universitário, e que lhe é imposto pelo sistema educacional de seu país. No entanto, segundo Lima (2010), todo esse processo que visa sua preparação para o exercício da sua profissão, e que deveria questionar sobre as suas regras e condutas, buscando assim assumir uma atitude mais crítica frente a sua futura profissão, não se dá efetivamente na academia, na medida em que os currículos (em sua maioria) não criam “pontes” entre os aspectos teóricos, éticos, críticos e práticos da sua profissão, dificultando assim, uma análise mais aprofundada sobre as suas competências profissionais.

Para tanto, faz-se necessário repensar rapidamente (pelo menos em nível Brasil) alguns aspectos da formação, especialmente quanto a algumas carências frequentes nos cursos de psicologia, por exemplo, no campo organizacional, educacional, esportivo, forense e vocacional.

No tocante a área vocacional, acreditamos que uma intervenção que busca ser integradora, tanto do aspecto pessoal, quanto do vocacional leva o psicólogo para um grande desafio, já que deixa este profissional mais exposto às limitações da sua própria formação. Assim sendo, mais uma vez apontamos a necessidade de se repensar este (dentre outras carências) na formação do psicólogo brasileiro.

Também do ponto de vista ético, percebemos que sua opção de intervenção vocacional integradora dos aspectos profissionais e humanos, pode deixar o psicólogo mais desprotegido visto que sem o apoio de determinadas convenções teóricas ou códigos reguladores da sua conduta terá ele próprio que definir os seus critérios de legitimidade a partir das suas decisões e da sua prática profissional.

Compreendendo as competências de desenvolvimento e da avaliação da intervenção vocacional.

Segundo Nascimento e Coimbra (2005) diante de grandes dificuldades nas decisões tomadas quanto ao trabalho de maneira geral, entendem que as situações voltadas ao domínio vocacional se mostram potencialmente geradoras de crises em dimensões intrapsíquicas ou interpessoais, frente aos aspectos psicológicos do indivíduo. No entanto, tais situações reforçam também a perspectiva de que o desenvolvimento psicológico do indivíduo poderá ser um fator importante para o seu sucesso no confronto com os problemas e tarefas do seu desenvolvimento vocacional. Diante desta análise, acreditamos que as problemáticas vocacionais aparecem associadas a dificuldades do desenvolvimento pessoal ou a perturbações emocionais e relacionais específicas. Assim, entendemos que as novas responsabilidades dos psicólogos que intervêm no processo vocacional, no que diz respeito a dar

respostas às necessidades dos clientes, vão além do limite do vocacional, buscando sim, refletir também sobre seus aspectos psicológicos de forma orientada.

Surgem então, a partir de um dado momento, novas concepções e práticas de Orientação Vocacional. Voltam-se os olhares para objetivos e metodologias mais centrados nas dinâmicas do funcionamento global da pessoa e em novas concepções de intervenção, buscando assim uma mudança de foco em nível dos temas tradicionais da intervenção vocacional, como por exemplo: aptidões, interesses, escolha vocacional e planejamento da carreira.

Observa-se também, que essa nova orientação gera um claro contraste com a visão mais tradicional da consulta vocacional, e que visa tão somente um processo pontual, breve e racional, inseparável de uma abordagem psicométrica da complexidade dos clientes e de uma perspectiva cognitiva da realidade das formações e das profissões (NASCIMENTO & COIMBRA, 2005).

Assim, as expectativas de uma prática de intervenção vocacional que se limitava às questões específicas do projeto de formação profissional (formação técnica ou universitária) do indivíduo, tendem a desaparecer. Entende-se hoje, a existência de influências diversas ao nível das escolhas que o indivíduo realiza em vários contextos e domínios da sua existência (CAMPOS & COIMBRA, 1991a; 1991b; IMAGIÁRIO & CAMPOS, 1987; SUPER, 1990), e dessa feita, valorizam-se os processos psicológicos anteriores à mudança em qualquer das variáveis da vida da pessoal.

Tendo em foco uma perspectiva do sujeito psicológico, sem se afastar do comportamento vocacional presente nas demais facetas da experiência humana, orienta-se então ao psicólogo, quanto às opções de intervenção trabalhar as exigências mais subjetivas e motivacionais do indivíduo, diferentes daquelas com que se poderia confrontar no quadro de uma prática mais tradicional, quase estandardizada, de Orientação Vocacional. Dessa forma, faz-se necessário que o psicólogo reflexione acerca das implicações, para si enquanto profissional, e para o cliente, analisando todo processo de intervenção, e também da utilização das dimensões do problema vocacional (NASCIMENTO & COIMBRA, 2005).

De fato poderão existir situações nas quais a avaliação de um problema vocacional relevante, não trará em si problemas psicológicos graves no cliente. No entanto, existirão outros casos nos quais não será possível ignorar a importância dos problemas pessoais e que acabam amplificando a questão vocacional. Nesse tocante, Nascimento e Coimbra (2005), *apud* Lucas (1992), apresentando um estudo comparativo do tipo de problemas expostos por clientes vocacionais e não vocacionais demonstram evidências que as dificuldades vocacionais não existem isoladamente de outras preocupações (inclusive psicológicas) do indivíduo. Noutra pesquisa, Anderson e Niles (1995) também verificaram que mais de um terço das preocupações dos clientes se encontravam relacionadas com problemas de natureza não vocacional, especialmente dificuldades de relacionamento interpessoal e perturbações emocionais. Assim, o psicólogo vocacional deve fazer uma avaliação rigorosa do funcionamento psicossocial do seu cliente (DAVIDSON & GILBERT, 1993; DORN, 1992).

Sob a hipótese de a vertente pessoal poder influenciar diretamente o percurso vocacional do cliente, Dorn (1992); Nascimento & Coimbra (2001) apontam a necessidade em se verificar em que medida certos recursos pessoais podem ser mobilizados pela própria intervenção profissional no sentido de amplificar o desenvolvimento ou o desempenho do cliente, quer nas tarefas vocacionais quer nas próprias

atividades da intervenção. Dessa forma, parece que a intervenção necessariamente se aproximará da totalidade do sistema pessoal do cliente, sejam através das questões pessoais potencialmente geradoras de disfunções vocacionais, ou através das questões vocacionais desencadeadoras de crise pessoal e, até nos casos em que a interação pessoal-vocacional é, predominantemente, positiva e construtiva.

Assim, o entendimento sobre o desenvolvimento psicológico global do cliente acaba, segundo Nascimento e Coimbra (2005), levantando importantes questões, como: até que ponto deve-se explorar os aspectos não vocacionais? Que problemas a intervenção deverá privilegiar? Em que momento pode-se justificar o encaminhamento do cliente para um profissional mais competente no domínio da psicoterapia?

Sobre tais questões levantadas quanto à intervenção, Nascimento e Coimbra (2005) colocam que “o profissional de Orientação Vocacional poderá eleger um de três pontos de partida possíveis: o pedido do cliente tal como este o apresenta; o(s) problema(s) do cliente tal como este(s) é/são por si avaliado(s); ou o próprio cliente”.

Se a orientação vocacional começa pelo pedido do cliente, percebe-se que a intervenção não ambiciona mais que responder ao tipo de solicitação efetuada pelo cliente. O psicólogo, nesse caso, privilegiará a abordagem dos aspectos meramente vocacionais sem qualquer preocupação com a avaliação ou intervenção a outro nível que não aquele para o qual foi feito o pedido, ou seja, o cliente, deliberadamente ou por falta de informação, expressa seu pedido apenas na direção vocacional.

Um segundo ponto de partida no processo vocacional pode se iniciar quando a intervenção volta-se para uma avaliação técnica onde o profissional procura trabalhar as dimensões não vocacionais do problema vocacional. Nesse tocante, a intervenção tenderá a ter outros domínios que não os contidos no pedido vocacional, cabendo ao psicólogo decidir, em função da necessidade do cliente ou da característica de cada tipo de problema, como se dará a intervenção adequada. Terá que identificar, em função de sua análise, sobre a origem e a evolução do problema, assim como sobre as características das dimensões presentes na situação problemática, e que requerem um trabalho de intervenção imediato, e poderá considerar também adequado o envolvimento do cliente num processo de psicoterapia que poderá ocorrer em paralelo com a intervenção vocacional. O profissional então buscará deflagrar o processo ou sugeri-la ao cliente logo após o problema vocacional ser solucionado. Deverá também decidir se acumulará a responsabilidade pela condução da intervenção nos aspectos não vocacionais ou se será conveniente o encaminhamento do cliente para um profissional mais qualificado da área da psicoterapia.

Um terceiro aspecto volta-se para o cliente como ponto de partida. Nessa perspectiva, o profissional estipula como forma de atuação, a prioridade ao cliente, privilegiando a transformação individualizada deste no tocante a sua (re)significação frente as suas aprendizagens, procurando proporcionar a este uma reflexão aprofundada sobre as suas memórias, suas motivações, os seus sentimentos, as suas crenças, suas preocupações e a sua identidade, diante do seu contexto de vida, analisando assim, o inter-relacionados entre todos esses fatores.

Contudo, para Kelly (1991), a atenção que o psicólogo oferece ao pedido inicial do cliente não visa manter uma relação linear entre a natureza do pedido e as características da intervenção, mas traduz, primeiramente, a aceitação e valorização da própria pessoa do cliente.

A opção por uma abordagem integrada de todas as experiências subjetivas do indivíduo, tal como são expressas no seu comportamento vocacional, faz com que a consulta vocacional adquira um carácter eminentemente psicológico e holístico. O psicólogo buscará intervir no funcionamento psíquico do cliente, sem incorrer em concepções fragmentadas do problema mais se mantendo alerta às variações e reformulações possíveis do pedido inicial, buscando corrigir a direção da intervenção de acordo com a realidade pessoal e contextual do cliente.

## **8. Estratégias de (auto)-avaliação dos profissionais do campo vocacional e a monitorização constante do desempenho na sua atuação profissional.**

Analisando os diversos aspectos da avaliação e (auto)-avaliação dos profissionais do campo vocacional, observamos a relutância destes profissionais quanto à consulta psicológica em relação à intervenção vocacional, certamente que esta avaliação não fica alheia ao processo de socialização profissional que ocorre durante os anos de formação (KRUMBOLTZ, 1993; MANUELE-ADKINS, 1992; WARNKE e colaboradores, 1993).

Os currículos de formação dos futuros psicólogos geralmente distinguem e segmentam as práticas de Orientação Vocacional das práticas de Psicoterapia, nem sempre produzindo situações para a aquisição de saberes mais compreensivos do desenvolvimento vocacional ou para o treino (em estágio) de competências de intervenção que favoreçam a integração das questões vocacionais e não vocacionais. Assim, mesmo convencidos das vantagens para os clientes de intervenções integradas, os profissionais talvez nem sempre se sintam preparados para assumir com êxito uma atividade com essas características. Provavelmente, segundo Lima (2010), as expectativas (ou medos) do profissional frente a sua futura profissão, especialmente quando às suas competências, são percebidas por esse aprendiz como demasiado baixas para que se sinta encorajado a dar continuidade ao processo de intervenção quando este aponta para objetivos terapêuticos.

Segundo Nascimento e Coimbra (2005), a maioria dos clientes que recorrem à ajuda do psicólogo vocacional espera deste um conjunto de habilitações que lhe permitam lidar e trabalhar eficazmente com qualquer problema ou dimensão da situação problemática dentro da sua área de formação ou do domínio geral de comportamento no qual são especialistas. Claro está que estas expectativas podem ser influenciadas por aspectos associados à reputação profissional do psicólogo, ou ao prestígio da instituição em que este profissional trabalha. Porém, grande parte dos clientes espera do psicólogo um grau mínimo de competências em certas áreas essenciais. Do psicólogo, no entanto, não se pode esperar que não questionasse os seus próprios mitos (e limitações) em relação à sua prática e não busque apurar constantemente a qualidade do seu exercício profissional.

No entanto, devemos ressaltar que frente o processo de intervenção vocacional e o interesse do cliente, existem aspectos de responsabilidade ética que não devem ser colocados em segundo plano. Se o profissional da Orientação Vocacional pode ou não intervir em seus clientes que apresentam problemas pessoais que interferem no seu desenvolvimento vocacional, depende dos recursos que o profissional de Psicologia Vocacional tem para ajudar o seu cliente na medida adequada para as suas necessidades. Porém, quando os profissionais da área não conseguem equacionar questões não vocacionais no contexto da intervenção vocacional, justificasse o encaminhamento do cliente para um

profissional mais habilitado no domínio da psicoterapia.

Assim, a experiência dos psicólogos nesse processo pode lhes permitir desenvolver atitudes mais favoráveis à intervenção vocacional, desafiando as suas crenças, limitações e dificuldades frente ao que ele espera da psicoterapia como contribuição para cada caso, e como escolha de estratégias de intervenção mais adequadas (e amplas) para o cliente, sem, é claro, não desprezar a importância e o significado do trabalho na vida de cada pessoa.

## **Considerações Finais**

Diante da complexidade dos problemas vocacionais percebemos que no início do processo de intervenção vocacional, o psicólogo vem se destacando como o ator que toma as mais importantes decisões voltadas à organização da intervenção. Já o cliente, apresenta (na maioria dos casos) um conjunto de expectativas nem sempre realistas em relação ao processo vocacional, não tendo uma noção completamente clara do seu problema para poder decidir sobre as suas necessidades de imediato. É claro, que a valorização do ponto de vista do cliente quanto à forma como a intervenção se dará, vai contribuir para a resolução do seu problema, e deve ser observada como um elemento importante dentro do processo vocacional. Contudo, o psicólogo não pode adotar sem uma análise profunda, as construções subjetivas do cliente, para não correr o risco de descuidar das dimensões não vocacionais do problema, aspecto considerado importante na intervenção vocacional que irá prestar. Os seus esforços devem-se voltar para que o cliente busque reconstruir as suas teorias pessoais acerca do seu problema e do processo de intervenção. Desta forma, podemos crer que o processo de intervenção possa cumprir também uma função educativa.

Dessa feita, a Psicologia busca ajudar o cliente a compreender que a dimensão vocacional/profissional é inseparável das outras dimensões pessoais. Assim, acreditamos que a intervenção contribua para fazer o cliente desistir dos esforços para separar na sua vida o profissional do pessoal, impedindo a formatação de um dualismo negativo na estruturação de sua identidade (DORN, 1992).

Porém, a ajuda prestada ao indivíduo pode ficar comprometida, na medida em que durante a análise do problema, o psicólogo se limitar ao pedido do cliente, não fazendo com que este confronte (e reveja) os seus preconceitos e limitações, frente as suas expectativas atuais e futuras.

Para tanto, o profissional da orientação vocacional deve reconhecer a utilidade da avaliação na sua prática de intervenção, visando não apenas o acesso ao conhecimento das necessidades reais de intervenção de cada cliente, mas também a avaliação das suas próprias necessidades em termos de reflexões e possíveis mudanças a cerca da sua atuação profissional, e que por ventura o impeça de melhorar a qualidade da intervenção que venha a proporcionar ao cliente.

Embora tenhamos discutido nesse artigo aspectos relativos ao exercício profissional do psicólogo no âmbito da consulta psicológica vocacional, importa também reflexionar no que tange à intervenção psicoterapêutica, já que nem sempre o processo de intervenção do tratamento dos sintomas venha diminuir ou acabar com os desajustamentos vocacionais apresentados pelo cliente.

Parece existir uma possibilidade real dos psicólogos, quando desenvolvendo um processo de intervenção vocacional, ao serem confrontados também com problemas pessoais, se focarem preferencialmente na vertente mais pessoal da situação problemática. Pelo menos no Brasil, isto se

explica em parte, em função da formação do psicólogo, em diversos cursos no país, priorizarem as vertentes clínicas da psicologia, mesmo até que tais vertentes e práticas estejam alheias à demanda vocacional.

Por fim, acreditamos que tanto o psicólogo como o cliente irão se beneficiar se, o profissional ao desenvolver intervenções mais centradas em dimensões não vocacionais da estrutura psicológica, prestar mais a atenção aos aspectos vocacionais do cliente. Segundo Blustein (1987), a análise do comportamento vocacional do cliente pode possibilitar o acesso à informação clínica e de diagnóstico psicológico, o que talvez não fosse disponível no caso do profissional focar apenas na avaliação dos sintomas psicológicos. Porém, devemos ressaltar, que a análise e a avaliação da relação do indivíduo com o trabalho (ou do seu futuro trabalho), sob a ótica vocacional poderá também servir de base para uma série de aprendizagens sobre o psiquismo do indivíduo, que se integradas na estrutura da sua identidade influenciarão todo o entendimento sobre o seu comportamento e o seu estilo de vida.

### Referências Bibliográficas

ANDERSON, W. P. & NILES, S. G. (1995). Career and Personal Concerns Expressed by Career Counseling Clients. *The Career Development Quarterly*, 43, 240-245.

BLUSTEIN, D. (1987). Integrating career counseling and psychotherapy: A comprehensive treatment strategy. *Psychotherapy*, 24(4), 794-799.

BLUSTEIN, D. & SPENGLER, P. M. (1995). Personal Adjustment: Career counselling and Psychotherapy. Em W.B. Walsh & S.H. Osipow (Orgs). *Handbook of vocational psychology* (pp.295-329). Mahwah, NJ: Erlbaum Associates.

CAMPOS, B. P. & COIMBRA, J.L. (1991a). Consulta psicológica e exploração do Investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.

CAMPOS, B.P. & COIMBRA, J.L. (1991b). A intervenção para o desenvolvimento vocacional. Em B. P. Campos (Org), *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social* (pp. 133-141). Porto, Afrontamento.

DAVIDSON, S. & GILBERT, L. (1993). Career counseling is a personal matter. *The Career Development Quarterly*, 42, 149-153.

DUARTE, M. E. (2008). A avaliação psicológica na intervenção vocacional: princípios, técnicas e instrumentos (5º cap.). *Psicologia Vocacional: perspectivas para a intervenção*. In Taveira, M. C., Silva, J. T. (Orgs.). Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.

DORN, F. J. (1992). Occupational Wellness: The integration of Career Identity and Personal Identity. *Journal of Counseling and Development*, 71, 176-178.

FÁVERO, M. L. A. (2002). Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In Nilda Alves (Org.). *Formação de professores: pensar e fazer* (7ª ed.). Coleção Questões da nossa época, vol. 1. São Paulo: Cortez.

HERR, Edwin (2008). Abordagens às intervenções de carreira: perspectiva histórica (Introdução). *Psicologia Vocacional: perspectivas para a intervenção*. In Taveira, M. C., Silva, J. T. (Orgs.). Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.

IMAGINÁRIO, L. & CAMPOS, B.P. (1987). Consulta Psicológica Vocacional em Contexto escolar. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 3, 107-113.

KELLY, G. A. (1991). *The psychology of personal constructs* (Vol. 2). New York: Routledge.



- KRUMBOLTZ, J. (1993). Integrating Career and Personal counseling. *The Career Development Quarterly*, 42, 143-148.
- LEITÃO, Lígia M. & PAIXÃO, Maria P. (2008). Consulta Psicológica Vocacional para jovens adultos e adultos (3º cap.). *Psicologia Vocacional: perspectivas para a intervenção*. In Taveira, M. C., Silva, J. T. (Orgs.). Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- LIMA, Rivaldo S.J.L. (2010). Vivências acadêmicas do estágio na Universidade Federal de Sergipe. Brasil, São Cristóvão: Editora UFS.
- LUCAS, M. S. (1992). Problems Expressed by Career and Non-Career Help Seekers: A comparison. *Journal of Counseling and Development*, 70, 417-420.
- MANUELE-ADKINS, C. (1992). Career Counseling is Personal Counseling. *The Career Development Quarterly*, 40, 313-323.
- MORENO, Maria L. R. (2008). A Educação para a carreira: aplicações à infância e à adolescência (2º cap.). *Psicologia Vocacional: perspectivas para a intervenção*. In Taveira, M. C., Silva, J. T. (Orgs.). Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- NASCIMENTO, I. & COIMBRA, J. (2001). O reconhecimento do carácter eminentemente pessoal da problemática vocacional. Em C. Borrego, J. L. Coimbra & D. Fernandes (Orgs.), *Construção de Competências Pessoais e Profissionais para o trabalho*. Actas, II Encontro Internacional de Formação Norte de Portugal /Galiza. Galiza: Instituto de Emprego e Formação Profissional, Delegação do Norte.
- NASCIMENTO, I. & COIMBRA, L. J. (2005). A escolha do foco de intervenção em consulta psicológica vocacional: contributos para uma perspectiva integradora da intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v.6 nº 2. ISSN 1679-3390. São Paulo.
- NILES, S.G. & PATE, R. H. (1989). Competency and Training Issues Related to the Integration of Career Counseling and Mental Health Counseling. *Journal of Career Development*, 16 (1), 63-71.
- PEREIRA, Geruza O. A. (2008). Intervenções vocacionais: proposta de modelos e desafios para o futuro (Resenha). *Psicologia Vocacional: perspectivas para a intervenção*. In Taveira, M. C., Silva, J. T. (Orgs.). Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra (2008). *Avaliação psicológica*, v.7 n.3 ISSN 1677-0471. Porto Alegre.
- SUPER, D. E. (1990). A life-span, a life space to career development. Em D. Brown & L. Brooks (Orgs), *Career choice and development: Applying contemporary theories to practice* (pp. 197-261). S. Francisco: Jossey-Bass, 197-261.
- TOLSMA, R. (1993). "Career or Noncareer?" That is the issue: Case examples. *The Career Development Quarterly*, 42, 167-173.
- WARNKE, M., KIM, J., KOELTZOW-MILSTER, D., TERRELL, S., DAUSER, P., DIAL, S., HOWIE, J. & THIEL, M. (1993). Career counseling practicum: transformations in conceptualizing career issues. *The Career Development Quarterly*, 42, 180-185.